

S U D A N E



Apresentação  
P.M. Bardi –  
Cesar Luis Pires de Mello

Textos  
Luiz Marques  
Francisco de Castro Ramos Neto

S U A N Ê  
T Ê M P E R A S

9 a 30 de Junho - 1988

PAULO VASCONCELLOS GALERIA DE ARTE

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1889

Tel. 852 2444 - São Paulo

Um dos meus primeiros encontros com pintores em São Paulo, foi com Lucia Suanê, aliás foi a ela que passei uma de minhas primeiras encomendas. Foi ela que pintou, "ab antiquo", as paredes da Capela do Morumby: bem emotivas. Vejo agora as suas muitas composições: um espetáculo que resultará numa esplêndida exposição.

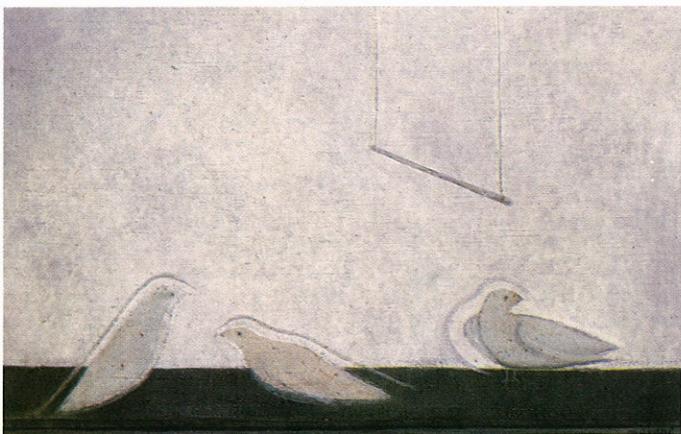
P.M. Bardi

*Menotti*



**TRECHO DE FEIRA** – 1946 – têmpera s/tela – 46 x 65cm  
Suanê surpreendeu-me pela sua intuição admirável da cor, da matéria e da composição... Auguro para essa pintora um grande futuro. – **SERGIO MILLIET**  
... Apossou-se em breve do misterioso segredo plástico, conseguindo sem premeditação e sem truques traduzir, em admiráveis composições, de uma graça juvenil e ingênua, o potencial lírico de sua alma. – **LUIZ MARTINS**

*Menotti*



**AS 3 POMBAS** – 1964 – têmpera s/tela – 41 x 65cm  
Trago meu testemunho à aparição de uma artista, aparição digo propositalmente pelo que me assombrou como seu imprevisito caso, duma tessitura em que fluem, no gosto popular, na pureza espontânea de uma dimensão plástica, as sabenças de uma inspiração... E isto tão cheio de verdade, a gentil pernambucana "aprendeu sem se ensinar". – **GERALDO FERRAZ**



**DOMINGO DE RAMOS** – 1953 – têmpera s/tela – 81 x 100cm  
A pintura moderna do Brasil, que ainda anda à procura de uma alma poderosa e ligada à terra, vai lutar muito com a revelação de Suanê – **LORIVAL GOMES MACHADO**  
Suanê "explode" em nossa pintura com a força de uma revelação feita de pureza plástica, alto sentido pictórico e ingênua espontaneidade, criando realmente algo "novo"... **MENOTTI DEL PICCHIA**



**MÃE LUA** – 1974 – têmpera s/tela – 50 x 70cm  
... e se em Suanê, além das outras qualidades pictóricas já mencionadas, a composição não falha, podemos reafirmá-la com um dos casos mais curiosos de vocação plástica espontânea, na moderna pintura brasileira. – **M. EUGÊNIA FRANCO**  
A Sua atual obra surpreende: se perdeu em ingenuidade, ganhou em consciência pictórica... A depuração do tema e filtragem do colorido, atingem pontos bem altos. Suanê irá bem mais longe, mais longe, muito longe. **QUIRINO DA SILVA**

## SUANÊ

Há anos conheci Suanê e sua obra.

Esta advinda da experiência vivencial em uma tribo indígena trouxe para o seu mundo telúrico a força e a expressividade dos signos, arquétipos de uma cultura. Tacapes, machados, arcos, plumas, cuias, bandeiras, são solidários e solitários em sua narrativa, nesse primeiro momento de sua produção. São dessa época exposições no Brasil e exterior e a crítica a acolheu com elogios. Pietro Maria Bardi, Sergio Milliet, Luiz Martins, Quirino da Silva, Geraldo Ferraz, Menotti Del Picchia, José Geraldo Vieira, Maria Eugênia Franco e outros, fizeram críticas e artigos com o reconhecimento de sua sensibilidade e da grande qualidade de sua pintura.

Participou da Bienal de São Paulo e foi premiada no I Salão Paulista de Arte Moderna; exposições individuais em São Paulo e Bruxelas e, após essas atividades, recolheu-se à interioridade de seu trabalho.

Muitos anos se passaram em que Suanê, trabalhando e dedicando toda sua vida à pintura, guardou para si a produção desse seu relacionamento com o mundo mítico, sem deixar que os outros se inteirassem dele.

Há alguns meses consegui rever Suanê e o que ela me apresentou foi uma obra bela, cheia de poesia e madura, pronta a dialogar com um público que como eu se maravilhasse com as formas e cores compostas com rara sensibilidade e ternura.

O mundo dos signos terrestres havia explodido de encontro a outras galáxias e os elementos indígenas agora metamorfoseados em miríades de estrelas, borboletas e arco-íris de sonhos coloridos, soltos no espaço.

Sua obra é expressa em têmpera, técnica que torna a impressão das imagens de maneira sutil e transparente própria de grandes mestres como Volpi.

Tenho a honra de, como representante de Suanê, iniciar a catalogação de sua obra e organizar esta exposição, colocando-a nas mãos de Paulo Vasconcellos, que conhecedor sensível de arte, inaugurou um espaço generoso e belo; uma nova "galeria" em São Paulo, ponto de união entre artistas, críticos e público.  
Junho de 1988.





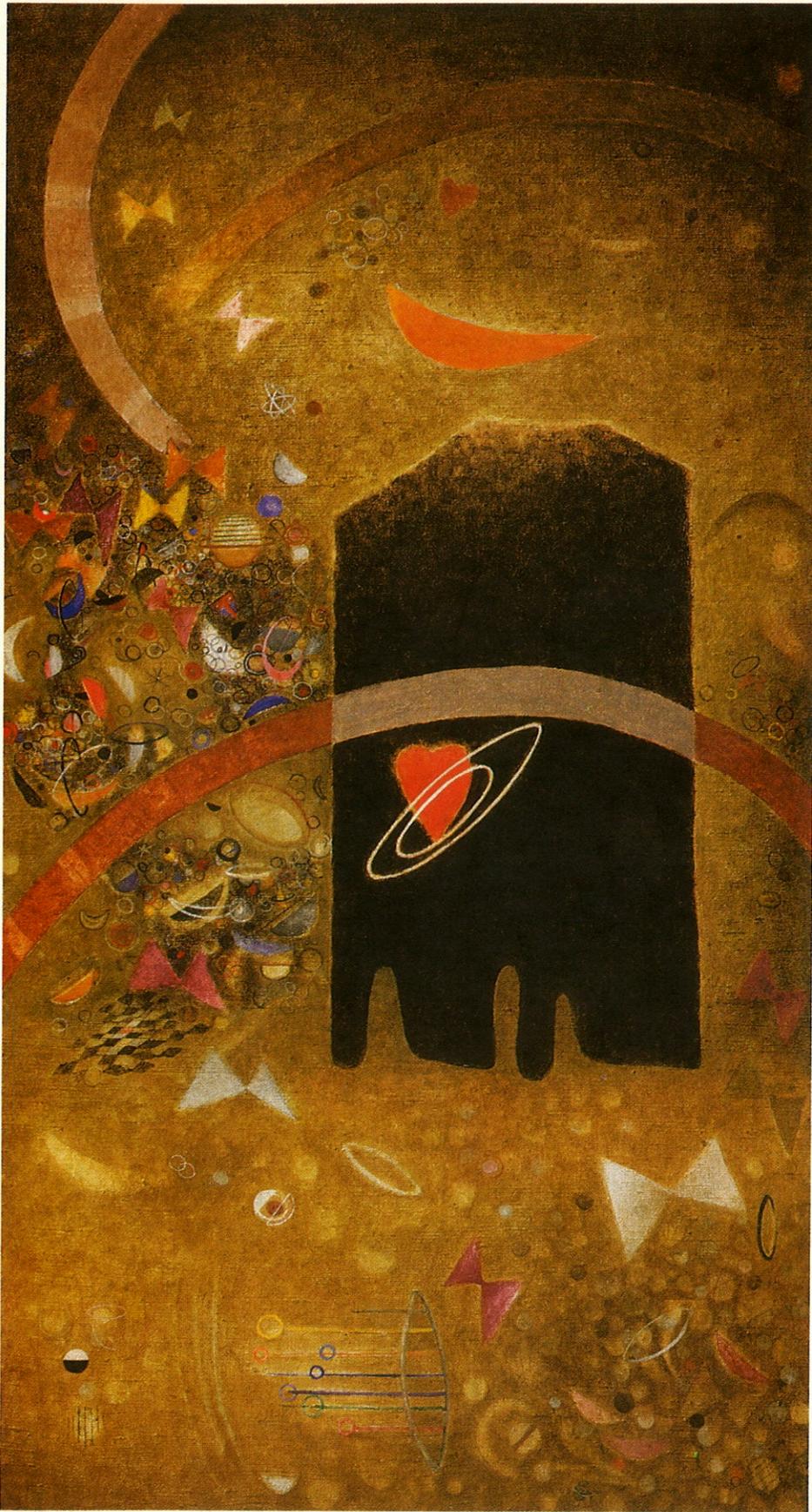
Quando, em meados da década '40, Lucia Suanê exibiu um conjunto de pinturas denominado "Motivos Regionais do Nordeste Pernambucano", amplamente aplaudido e saudado pela crítica de então, adjetivado como "puro", "espontâneo", "ingênuo" e a própria Lucia como "pintora do Brasil", ninguém suporia a bela e requintada, embora ainda pura, arte que hoje faz Suanê.

Suanê segue sendo uma pintora essencialmente figurativa, embora de uma figuração difusa, sensível e apenas sugerida. Os conteúdos narrativos, outrora predominantes, agora cedem espaço a sugestões visuais de cunho metonímico, ou seja, a pintura não "conta" uma história, mas sim *insinua* personagens e elementos simbólicos partícipes de um todo cosmogônico. Adereços indígenas, ex-votos, exus, astros e arco-íris, toda uma gama de reminiscências de um passado vivido ou sonhado, tudo surge em alegre convívio com partículas de cores em expansão, causando certa euforia em quem observa a visão. Pois que de visão se trata: poder observar, na intimidade, o mundo interior do artista – um privilégio.

Do ponto de vista das cores: estas, há muito, ganharam autonomia. Quero dizer que Suanê não mais põe as cores a serviço da imagem, deu a elas auto-referência, têm valor em si. São planos de textura sutil, pontuados por intervenções de volumes etéreos, ambos muito mais com funções contrapontísticas e harmônicas do que voltados à figuração narrativa. Esta há, como já disse. Mas mitigada: a arte de Suanê cria climas ora míticos, ora lúdicos, dependendo apenas da combinação utilizada.

Este, na verdade, o núcleo sensível da pintura de Lucia Suanê: climas interiores que são transpostos para a tela com a destreza do artista pleno. Um dia, Suanê buscou matéria pictórica no interior do seu Estado de Pernambuco. Hoje, traz do interior de si mesma toda uma visão cósmica do Universo, remanescente, sem dúvida, de profunda e enriquecedora vivência da artista junto ao que há de mais simples e mais rico: a terra e o homem. Suanê é ainda a "pintora do Brasil", espontânea mas nada ingênua; Brasil este filtrado pela visão lúcida e lírica de uma artista em plena maturidade criativa.





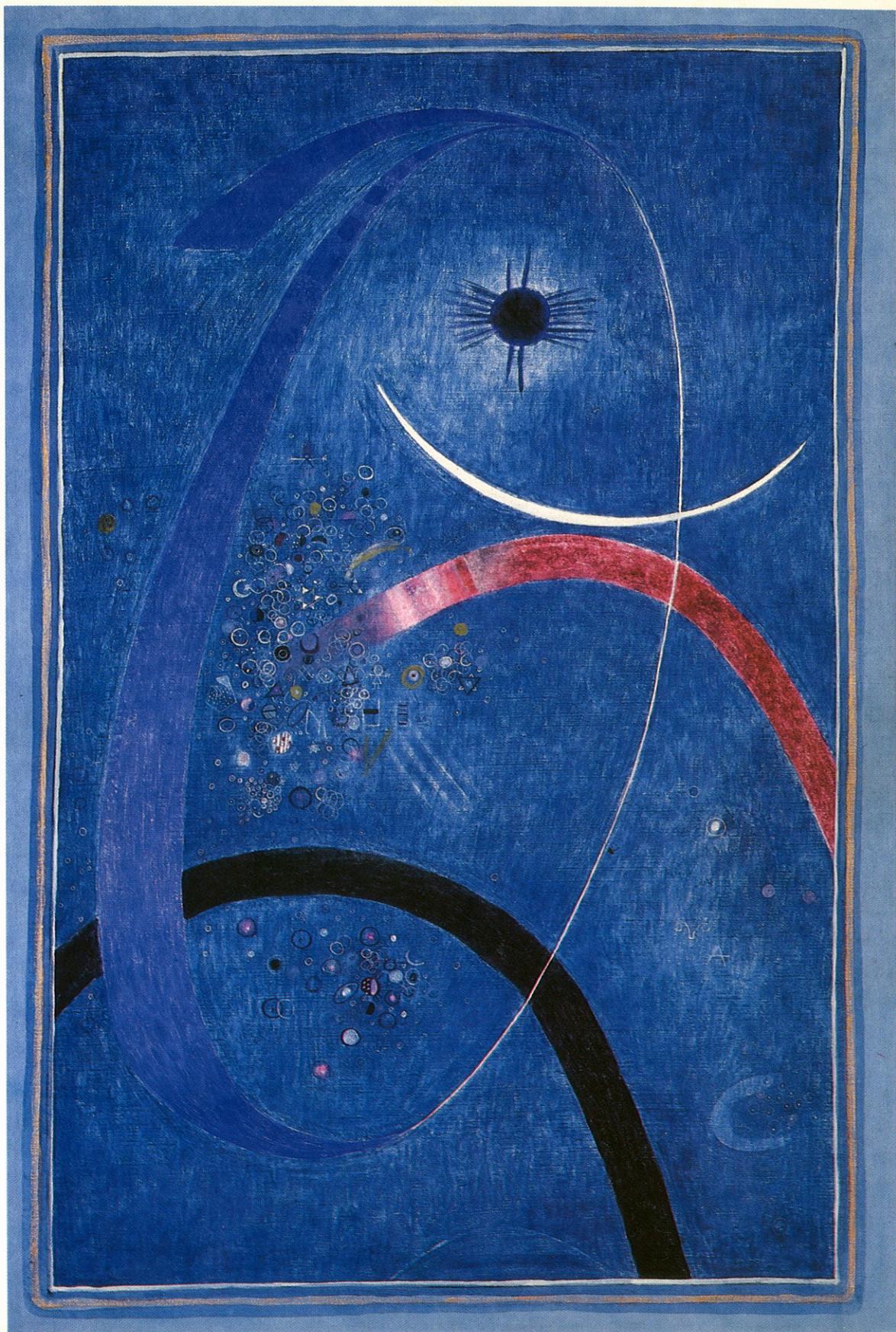
*Perdido*

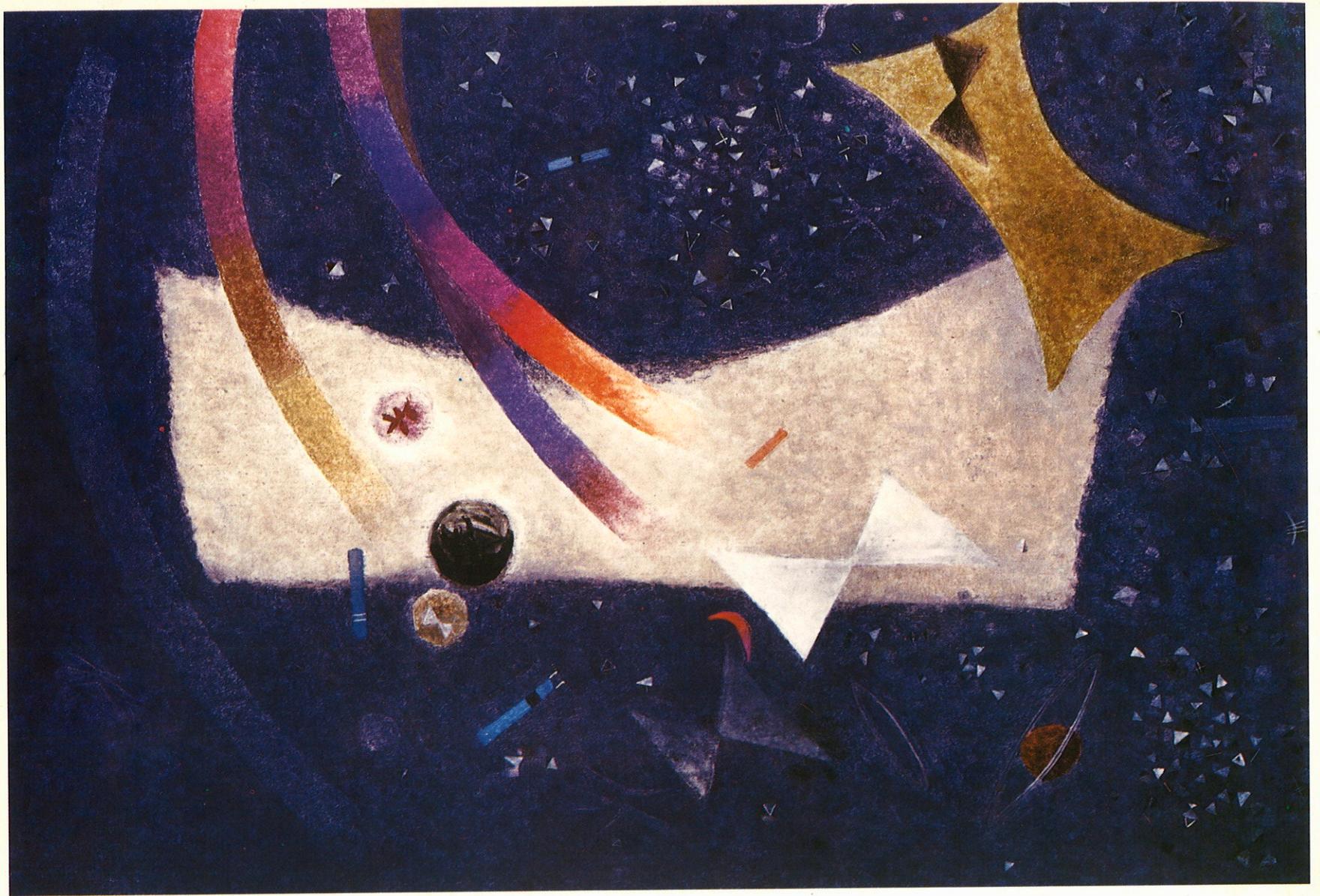


O regresso de Suanê suscita interesse, notadamente à leitura do que dela se escreveu há aproximadamente quarenta anos, quando não houve crítico importante, digamos, da geração Milliet, que não a proclamasse uma "esperança" de pintura brasileira. A palinfrasia nacionalista tendo se consumido, a hora é sem dúvida propícia para olhar esta nova pintura sem ceder tanto ao apelo temático, que, de resto, permanece, malgrado a não figuração, de uma cativante candura: em suas melhores têmperas, Suanê não ilustra, apenas, o imaginário folclórico de seu passado mas confere-lhe vizinhança com o mito.

Suanê pinta como trabalha o ourives, as formas encastradas no espaço, como pedras raras engastadas no metal, a compor indissociavelmente com ele, o objeto precioso. Que dispensem a moldura, é simples compreender, pois seus quadros são como objetos de arte que demandam antes o acabamento, que o enquadramento, acabamento que a pintora não deixa de prover com os requintados frisos de ouro que bordam o espaço e lhe servem de predicado simbólico. A qualidade da têmpera, capaz de tornar visível um sentimento shahrazadiano da cor, reforça a comparação. A própria matéria pictórica torna-se aqui o objeto da representação, ou faz corpo indissociável com ele, matéria e formas no Espaço-Brocado marchetando-se mutuamente.

Há também algo de musical nesse mundo pictórico ou, mais precisamente, de melodioso. Nova poética de uma "Distante Melodia", tal poema de Sá Carneiro em que se lê, "Cafa Oiro se pensava Estrelas" ou "Idade acorde de Inter-sonho e Lua", decassílabos entre os mais emblemáticos para toda essa pintura.















*Rendido*

# CURRICULUM SUA ANÊ

Nasceu em Águas Belas, Pernambuco.

1946 – já radicada em São Paulo, começa a pintar à têmpera, com o pintor Nelson Nóbrega.

1946/47 – 1ª exposição individual na Galeria Itá

1951 – execução do "Afresco" no Batistério da Capela do Morumbi, por indicação do Prof. P. M. Bardi.

– participou da 1ª Bienal de São Paulo

– Prêmio Salão Paulista de Arte Moderna

– Prêmio Aquisição Mário de Andrade

1964 – exposição individual na Galeria São Luiz, S.P.

1974 – exposição individual na Galeria Altamira – Bruxelas

1988 – exposição individual na Paulo Vasconcellos Galeria de Arte

– S.P.

Possui quadros no acervo do:

Museu de Arte Moderna de São Paulo

Museu de Arte Contemporânea – São Paulo

e em coleções particulares, no Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, Chile e Checoslováquia.

OBRAS EXPOSTAS - DÉCADA DE 80  
têmpera sobre tela

*Reproduzido*

- 1 - URUPEMA - 100 x 70
- 2 - DEZ PARA ÀS TRÊS - 94 x 69
- 3 - ESTRELA DA VIDA INTEIRA II - 106 x 70
- 4 - AS 7 MUSAS DO ARICURI - 100 x 54
- 5 - ARCO-ÍRIS NEGRO - 106 x 70
- 6 - RESSONÂNCIA II - 102 x 67
- 7 - FORMA E LUZ - 56 x 82
- 8 - CANTO E FUGA DE ARUANA - 101 x 60
- 9 - ECO DOS ARCO-ÍRIS - 81 x 55
- 10 - ARCO-ÍRIS ROSA - 51 x 80
- 11 - TSAKHAKAT-XUÁ EM DUAS CORES - 92 x 67
- 12 - MOVIMENTO III - 60 x 86
- 13 - ARCO-ÍRIS EM AMARELO - 61 x 86
- 14 - EU CAPITÃO DE SERRA TALHADA - 100 x 56
- 15 - PASSAGEM - 100 x 50
- 16 - SILÊNCIO - UNIDADE SILÊNCIOSA - 102 x 67
- 17 - LUA NOVA - 68 x 106
- 18 - ENTRE SOMBRAS - 94 x 69
- 19 - IPUEIRAS - 121 x 60
- 20 - ESTRELA DA VIDA INTEIRA I - 106 x 70
- 21 - PRELÚDIO - 93 x 69
- 22 - TOCATA E FUGA DE 3 ARCO-ÍRIS - 86 x 60
- 23 - ETERNIDADE - 86 x 60
- 24 - INFINIDADE - 101 x 68
- 25 - SEGMENTOS - 90 x 60
- 26 - LUA NOVA II - 45 x 100
- 27 - RETORNO - 106 x 70
- 28 - CONTEMPLAÇÃO - 93 x 67
- 29 - EU CORAÇÃO ME CONFESSO - 100 x 67
- 30 - O SONHO DE CUNHANTÁ - 93 x 69

Medidas em centímetros

*Mãe Lua - 50 x 70 cm  
\$ 500.000*